

Apontamentos sobre a produção do sujeito migrante por meio dos discursos da saúde e da dinâmica do espaço em escala global

Appointments about the production of the migrant subject using discourses from health and the dynamics of space in global scale

Betina Hillesheim

Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC – Santa Cruz do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil

Douglas Luís Weber

Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC – Santa Cruz do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil

Governo do Estado do Rio Grande do Sul – Rio Grande do Sul - Brasil



Resumo: Neste texto é apresentada uma reflexão, emergente de uma pesquisa feita em 2017, acerca dos discursos da saúde promovidos pelas agências internacionais que envolvem migrantes no espaço global. Partindo de referencial teórico das áreas da Geografia, da Saúde e ainda de documentos oficiais publicados por tais agências são discutidos os conceitos de espaço e espacialidades, e a produção dos sujeitos migrantes pelo viés da saúde global. Nessa perspectiva, pode se dizer que os migrantes tem sido foco de inúmeras discussões, em nível internacional, relacionadas ao controle de doenças considerando as novas dinâmicas espaciais oportunizadas pelo processo de globalização. Assim, a preocupação direciona-se para o fato de que o migrante passa a ser considerado um risco para as populações autóctones tendo em vista as espacialidades produzidas em seus lugares de origem.

Palavras-chave: Espaço. Saúde. Migração.

Abstract: This paper presents a reflection, emerging from a research done in 2017, about the health discourses promoted by international agencies that involve migrants in the global space. Starting from the theoretical reference of the areas of Geography, Health and even official documents published by such agencies, the concepts of space and spatialities and the production of the migrant subjects by the global health's discourses. In this perspective, it can be said that migrants have been the focus of numerous discussions at the international level related to the control of diseases considering the new spatial dynamics provided by the globalization process. Thus, the concern is directed to the fact that the migrant is considered a risk to the native populations in view of the spatiality produced in their places of origin.

Keywords: Space. Health. Migration.

1 Introdução

O processo de globalização trouxe consigo inúmeras e drásticas mudanças nos modos como vivemos hoje. O tempo tornou-se uma escala fragilizada quando se relaciona à vida. Os fluxos e a multiplicidade de trajetórias que se criam no âmbito da vida e, principalmente, a imaginação de um mundo totalmente interligado e contínuo, tiraram dele sua principal fonte de alimentação: a cronologia.

No que se refere ao espaço, pensar e discutir questões relacionadas ao mesmo são ações que, muitas vezes, podem ser consideradas desafios, especialmente no contexto dos debates acadêmicos. As mais variadas formas de uso e de compreensão acerca daquilo que o termo representa, o transformam em um emaranhado de entendimentos que envolvem sujeitos, estruturas e saberes. Assim, destaco que o seu uso em diversos campos de trabalho, muitas vezes ambíguos, o tornam um conceito amplo, havendo a necessidade de apresentar a perspectiva de seu uso.

Como ponto de partida, exemplifico que, segundo o dicionário Aurélio (2010), o termo espaço deriva do Latim – *Spatium* – e pode ser entendido como:

1. Extensão limitada em uma, duas ou três dimensões; distância, área ou volume determinados.
2. Extensão ideal, sem limites, que contém todas as extensões finitas e todos os corpos ou objetos existentes ou possíveis.

Quando o espaço é entendido como uma “extensão limitada”, seu uso aplica-se especialmente em situações nas quais, por algum determinado acontecimento, é necessário medir uma distância, calcular um volume ou área; ou seja, tal conceito apoia-se em uma ordem cartesiana para limitar sua existência e distinguir-se do espaço absoluto. Já quando o espaço é entendido como “extensão ideal”, configura-se como o espaço sem limites, onde se situam todas as finitudes possíveis, como a vida, as produções por ela realizadas e os seres. Também em outra vertente é esse espaço que abriga o universo, e tudo que nele for criado, transformado ou idealizado.

Como visto nos exemplos citados acima, o espaço pode ser apresentado de diversas formas; dessa maneira, é necessário evidenciar como esse conceito é compreendido no presente trabalho. Para isso, entendo que é preciso tanto a explicitação do lugar em que se situa o pesquisador, como a discussão do conceito propriamente dito.

Assim, em primeiro lugar, argumento, que, nessa dissertação, operei com o espaço a partir da perspectiva geográfica, bem como suas delimitações e características presentes nesse campo de estudo. Sob o olhar geográfico, o espaço é tratado como uma forma ideal e indissociável de sistemas, objetos e ações que estabelecem e produzem as relações sociais e os sujeitos nelas inseridos (SANTOS, 2009).

Para aprofundar tal discussão, nas seções seguintes, busco conversar com alguns teóricos sobre o conceito de espaço e sua produção ligada às relações sociais: as espacialidades. Em seguida, abordo o tema das migrações e seus processos relacionados ao espaço e a saúde.

2 Espaço e espacialidades

Sob a ótica da geografia, o espaço pode ser entendido como o produto das relações sociais; através da dimensão indissociável de tempo, ele é a esfera das possibilidades para as multiplicidades, diferenças e antagonismos que expressam a pluralidade contemporânea da existência. É nele que se exerce a vida, oportunizando-se as heterogeneidades dos acontecimentos, os quais transformam as variadas formas de existências. O espaço constitui-se a partir da transformação, está sempre em construção, é um produto de ‘relações-entre’, ‘relações que estão’ necessariamente relacionadas às práticas materiais que devem ser efetivadas, está sempre em processo de fazer-se, não é finito e nem fechado, seu principal sinônimo é reprodução (MASSEY, 2009).

Também, tomo aqui minha posição teórica frente ao modo de utilização do conceito, o qual será um argumento essencial para as discussões aqui abordadas. Penso no espaço como algo produzido

pelas inter-relações sociais e materiais, que se constituem desde o imenso do global até as mínimas singularidades do local, de maneira difusa e não sequencial, dando (re)significações a vida, sendo que a força que move essas relações é a ação humana e suas práticas espaciais (LEFÉBVRE, 1991). Segundo Darsie (2014), o espaço em suas diferentes estruturas molda a vida a partir de nossas práticas sociais, individuais e coletivas, o que vai ao encontro da afirmação de Massey (2009), que apresenta o espaço como uma produção multifacetada de ressignificações e que se encontra a todo momento em transformação.

Segundo Santos (2009), o espaço é formado por um conjunto indissociável, abrangente e muitas vezes contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, que não podem ser considerados como 'ilhas' isoladas, mas sim como um arquipélago, no qual a sua relação e história acontece. O autor ainda identifica que é necessário considerar o espaço, primeiramente, como sendo formado a partir da junção gradual e desigual de tempos (SANTOS, 1982).

Salgueiro (1998) e Heidrich (2002) ressaltam que o espaço pode ser entendido como formas e conteúdo, métodos e saberes, a partir da integração entre materialidade e as ações sociais que o transformam e o permeiam. Essa condição reformula a existência no espaço e acaba por difundir o social e o histórico, gerando determinadas contradições. Pode-se entender que, em determinados espaços, existem diferentes sujeitos que possuem diferentes relações com o próprio espaço onde se encontram. E, além disso, torna-se compreensível que algumas questões voltadas à ressignificação de espaços ou formas de vida podem reconfigurar as formas e práticas da dinâmica espacial pré-existentes.

Ainda, para Santos (2009), o espaço precisa ser considerado como totalidade: conjunto de relações realizadas através de funções e formas apresentadas historicamente por processos tanto do passado como do presente. Desse modo, segundo Saquet e Silva (2008), o espaço, além de instância social que tende a reproduzir-se, tem uma estrutura

que corresponde à organização feita pelo próprio homem. Por sua vez, Colucci e Souto (2011) afirmam que o conceito de espaço não está dissociado dos aspectos históricos e culturais, e que a partir deles há um favorecimento para a estruturação socioprodutiva do espaço, além da conjuntura na qual se dão estas relações e as possibilidades de reestruturação do mesmo.

Ser, sentir, delimitar, modificar, produzir, e dizer espaço: tudo isso pode ser entendido como ele próprio, ou seja, como o próprio espaço que se encontra em constante transformação e, conseqüentemente, produção (DARSIE, 2014). Baseado no referido autor, exemplifico tal afirmação a partir da noção de que compramos parcelas do espaço, demarcamos o espaço dividindo-o em áreas e/ou regiões, projetamos significados ao espaço produzindo, assim, lugares, abrimos, fechamos e alugamos territórios do espaço. Ainda, otimizamos, transformamos e construímos o espaço. No limite, somos espaço, pois ele, por meio de seus atravessamentos, ao mesmo tempo que é produzido, também nos produz como sujeitos.

Para tratar dessas significações e mudanças do espaço, deve-se considerar que o mesmo não se encontra delimitado ou fechado, como já havia citado posteriormente, e que seus aspectos são mutáveis na medida em que as relações se estabelecem. Nessa direção, pode-se entender que o espaço produz os próprios sujeitos que nele estão inseridos – ao mesmo tempo que ele é produzido pelos mesmos. Essa relação acaba por produzir uma continuidade e que se materializa a partir da interação do social com a dimensão ambiental, surgindo assim as chamadas 'espacialidades'.

Segundo Soja (2008), Massey (2009), Santos (2009) e Darsie (2014), espacialidades são entendidas como todas as dinâmicas, de todas as esferas, que agrupam as mais distintas formas de relações sociais e que se articulam às materialidades espaciais já existentes, formando novos modos de ver, ser, viver e produzir o espaço, a partir dos atravessamentos que causa nos sujeitos. As espacialidades podem ser entendidas como uma

forma de identificação com o espaço, ou seja, uma identidade produzida por ele mesmo. As relações entre as identidades e as espacialidades são co-constitutivas e se encontram em constante ressignificação através de suas formas de interação, que não são capazes de serem desassociadas (MASSEY, 2009).

Ramos (1982) apresenta as espacialidades como um processo em movimento pelo espaço social e histórico, incluindo tanto o realizado quanto o possível, num constante movimento dialético. As ideias do autor vão ao encontro dos argumentos de Soja (1993) e Murdoch (2006), quando afirmam que é justamente a articulação entre esses elementos que faz surgir novas materializações ao espaço, deslocando-o para uma nova dimensão e que o classificam como algo 'vivo', tão importante quanto a dimensão do tempo.

Além disso, deve-se entender as espacialidades como divergências singulares, ou seja, novas maneiras de constituição de algo pré-existente: novos padrões culturais, novas tradições político-sociais, novas formas de moldar a vida, novas dinâmicas populacionais e de mobilidade social. As espacialidades são relações indevidas de produção social da existência dentro de um grupo de sistemas e que determina a existência humana (COLUCCI; SOUTO, 2011).

Assim, o espaço torna-se uma esfera que não efetivamente se limita a uma dinâmica autônoma de comportamento, pois o que realmente lhe atribui significado são as espacialidades. O espaço é, portanto, moldado de diversas maneiras pelas espacialidades, a partir do seu próprio uso como dimensão existencial que garante a vida e seus diversos elementos. O espaço, portanto, é onde ocorrem as dinâmicas sociais que, relacionadas entre si, transformam tanto suas próprias feições quanto as formas espaciais (DARSIE, 2014).

Uma das dinâmicas que se desenvolvem no espaço, são aquelas ligas aos processos migratórios. Tais processos operam no sentido de ressignificar o espaço através das interações de seus praticantes juntamente com as espacialidades. Diante disto,

apresento a seguir uma contextualização dos processos migratórios atuais no mundo, de forma a marcar quem são os seus sujeitos e quais acontecimentos desencadeiam esse processo.

3 A aproximação do espaço e do migrante

Os processos migratórios são um fenômeno que acompanha a formação e o desenvolvimento das sociedades humanas. Com as transformações causadas pela globalização, principalmente após a virada do século XX para o XXI, houve também mudanças nas formas como os indivíduos se relacionam (ou até mesmo, vivem o) com o espaço. Como a população encontra-se distribuída pelo globo, em diferentes regiões, territórios e/ou lugares, a tentativa de operar com diferentes dinâmicas em escala global, por exemplo, as econômicas, políticas, culturais, entre outras, não dependeu/depende apenas de acordos internacionais, mas necessitou/necessita que as populações exercessem/exerçam e incorporem, almejem e reproduzam essa lógica globalizante.

Todavia, é importante salientar que, apesar de alguns processos estarem globalizados, o espaço global não é homogêneo, pois, ao ser observado a partir de diferentes escalas (nacionais, regionais, locais, entre outras), emergem especificidades estabelecidas pelos diferentes modos de se viver o espaço. Dessa maneira, como pontua Darsie (2014), as relações entre os processos espaciais, sociais e econômicos, acabam por potencializar os diversos contrastes existentes nos distintos espaços e também passaram a delimitar determinadas espacialidades, que, como discutido na seção anterior, marcam certas características aos espaços, as quais acabam por ser temidas, almejadas ou até mesmo transformadas pelas populações.

Um dos principais motivos que alimenta as migrações atuais é a busca incessante por uma melhor qualidade de vida. As disparidades espaciais, quanto aos níveis de rendimento, de bem-estar social, saúde, educação, tecnologia, também continuam a estar associadas às explicações deste fenômeno. Por

outro lado, as desigualdades entre as nações também influenciam o nível e a direção das próprias migrações, alterando as características que qualificam os espaços e delimitando o seu público migrante.

Segundo a IOM (2016), os principais locais de saída dos migrantes são os países pobres, visto que também podem ser entendidos como espaços precários, que viabilizam a migração frente a imensa desigualdade social, as constantes guerras civis causadas pela instabilidade dos regimes políticos derivados do sistema colonialista presentes até meados do século passado, a falta de trabalho qualificado, a falta de serviço público de qualidade tanto nas questões estruturais como sociais, a falta de saúde e educação, a miséria, a fome, as doenças, entre outros.

Com a delimitação de um 'espaço precário' surgem argumentos para que questões relacionadas à segurança espacial sejam tomadas pelos governos e agências atuantes na política global. Segundo Darsie (2014), as mídias, as indústrias científicas e tecnológicas, as instituições de ensino e de saúde entre outras, atuam como fortes promotoras e divulgadoras de muitas práticas e conhecimentos que envolvem a qualificação e segurança da vida. Dessa maneira, esses meios são fortemente atuantes no que se entende por formação de espacialidades e, conseqüentemente, se relacionam diretamente à (re)produção do espaço.

Para Braun (2007), na direção dos estudos relacionados ao espaço e às implicações geopolíticas a ele ligadas – e dentro disso os processos migratórios –, algumas escalas de controle espaciais passam a ser relevantes em um nível menor, que escapam do campo de visão humano e que ele denomina por escala 'molecular'. Nessa lógica se encaixariam todos aqueles organismos microscópicos e/ou muito pequenos que concretizam as discussões sobre o espaço e suas materialidades, como as questões relacionadas à qualidade da saúde, transmissão de doenças, entre outras (BRAUN, 2008).

Ainda segundo o autor, é grande o número de investimentos que, principalmente nas últimas décadas, têm sido elaborados no que tange ao gerenciamento das 'molecularidades' espaciais, as quais, quando ligadas aos elementos estruturais, colocam no espaço uma grande responsabilidade no que diz respeito à segurança da vida em diversas escalas. Esses investimentos, segundo Sene (2003) e Darsie (2014), estão ligados à produção e cultivo de alimentos, ao saneamento básico de determinados territórios, ao monitoramento de rotas migratórias, tanto humanas como de animais, principalmente onde não são cumpridas de forma adequada as normas de segurança sanitária. Em outras palavras, nos espaços mais precários.

Essa forma de pensar, por meio da noção de molecularidade, emerge a partir dos estudos de Rose (2013), nos quais o autor afirma que tal gerenciamento pode ser pensado como uma transformação da biopolítica que ocorre no século XXI. Neste contexto ele destaca que o controle sobre a vida, articula-se a novas tecnologias e, portanto, passa-se a pensar diversas dinâmicas a partir de escalas biológicas em outros tempos invisíveis e/ou inimagináveis: moléculas, mutações virais, genes.

Dessa forma, as ligações estabelecidas entre o sujeito migrante e os elementos do espaço, sejam naturais, sociais ou culturais, interferem no seu próprio desenvolvimento. Frente a essa lógica de molecularidade, o corpo humano, ligado às espacialidades, pode ser pensado como um pequeno fragmento – do espaço – que se movimenta pela dimensão contínua do espaço e que proporciona uma conexão entre diversos elementos que a ele se vinculam, por meio de elementos *a priori* imperceptíveis como os vírus, as bactérias, e outras dimensões ligadas à saúde (BRAUN, 2008; DARSIE, 2014).

Também segundo os autores supracitados, é necessário entender o corpo como um nível, uma escala espacial, que proporciona, no âmbito das relações sociais e discussões acerca dos processos, o não apagamento do espaço enquanto elemento relevante. Assim, entendo que o sujeito migrante

pode ser considerado como uma pequena escala ou parcela do espaço, o que para Braun (2008) pode ser chamado de 'escala individual' presente na dimensão espacial.

Essas escalas individuais, quando em processo de deslocamento, acabam por conectar facilmente algumas parcelas distintas de espaços, o que anteriormente ao advento da globalização, não aconteciam em mesma escala. Harvey (2001), em sua clássica análise dos processos globais, cita que os avanços tecnológicos, tanto dos meios de transporte, como os de comunicação, entre outros, provocaram uma compressão do espaço-tempo, ou seja, um 'encolhimento' dos mesmos.

Juntamente com a flexibilização das políticas fronteiriças, esses avanços nos meios de transporte possibilitaram que os fluxos de deslocamentos aumentassem em grandes proporções, principalmente nas últimas décadas. Tal fato, por outro lado, desencadeou inúmeras preocupações e inseguranças às nações que passaram a temer por suas barreiras político/administrativas estarem mais expostas.

Os processos migratórios estabelecem uma relação mútua entre os espaços, ou seja, o ato de migrar não se reduz a uma simples transferência de um indivíduo ou população de um espaço para outro, mas, sim, abre um vínculo de ligação entre os espaços que, por meio do migrante, se interligam. O sujeito migrante, em seu processo de deslocamento, carrega consigo as espacialidades que o constituíram, ou seja, um conjunto de elementos culturais, biológicos que, de forma híbrida, transformam o espaço.

Nesse sentido, o sujeito migrante torna-se uma 'preocupação' para os estados-nações, pois, no limite, pode desencadear alguns desequilíbrios frente às espacialidades já existentes nesses outros espaços. Esses desequilíbrios podem ser percebidos em questões culturais, econômicas, assim como no modo em que o migrante gesta a sua saúde.

4 O sujeito migrante e os discursos da saúde no espaço global

As significativas mudanças ocorridas em escala global, principalmente após a metade do século XX, com o advento do processo de globalização juntamente com os grandes deslocamentos humanos, começaram a redefinir as diversas esferas políticas, sociais, ambientais, tecnológicas e econômicas dos mais distintos locais. O constante aumento dos fluxos de carga, de passageiros, animais entre outros, provocados por essa porosidade do processo de globalização, relacionados ao grande aumento da circulação de capitais, crescimento do comércio exterior, a transnacionalização das empresas, a privatização da economia e a redução das barreiras comerciais, proporcionaram uma abertura das fronteiras.

McMichael e Beaglehole (2003) dizem que os constantes impactos sociais, culturais e econômicos que são provocados pelo processo de globalização podem acarretar em riscos para a saúde da população. Entre esses riscos, citam a manutenção da pobreza, causada pela desigualdade social derivada das imparidades econômicas, a fragmentação do mercado de trabalho, a precarização dos sistemas de trabalho quanto à saúde, a falta de segurança sanitária, a constante degradação do meio ambiente, o aumento do consumo de tabaco, a obesidade, o aumento de problemas relacionados a saúde mental das populações, ou, ainda, o aumento da disseminação de doenças infecciosas devido ao crescimento de viagens internacionais.

Com os territórios mais expostos e vulneráveis a consequentes eventos, como epidemias e surtos de diversas doenças, uma vez que as barreiras físicas e as fronteiras políticas não são mais o limite entre as relações, o termo "saúde global" emergiu juntamente com essas grandes transformações. Para Nigro e Perez (2014) é "nas interfaces e conexões entre a globalização e a saúde, que se fundamentam as análises da saúde global, e seus diversos temas e agendas da contemporaneidade" (p. 15).

Com a globalização e a facilitação do fluxo de capitais em escala global, as empresas não estatais e os setores privados ganharam visibilidade frente à chance de aumento dos seus lucros, havendo um grande deslocamento de papéis a partir daí. Assim, o que antes ficava restrito aos governos nacionais, agora não depende mais do controle nacional. Logo, órgãos como a OMS entraram em uma crise de legitimidade frente a esses novos atores, e, conseqüentemente, precisaram buscar novamente seu papel de liderança na saúde pública mundial. É nesse contexto que, segundo Brown et al. (2006), surgiram esforços de produção acadêmica e das próprias agências de saúde para disseminar uma nova conceituação para a saúde planetária como forma de introduzir algo 'novo' ao campo das relações internacionais, e dar novamente visibilidade a OMS nos anos de 1990.

Frente aos movimentos migratórios, o espaço precisa ser entendido, conforme apresentado anteriormente, como uma dimensão dinâmica, contínua e interligada. Desse modo, os esforços elaborados, principalmente a partir dos preceitos e discursos da saúde, passaram a destacar um novo olhar sobre esses acontecimentos. Além disso, é necessária uma maior atenção acerca dos esforços que visem um melhor bem-estar das populações em deslocamento pelo espaço.

As preocupações tomadas sobre a saúde no espaço global se pautam, principalmente, sobre a disseminação de doenças nos lugares e/ou regiões por onde passam diferentes pessoas, entre elas, os migrantes. A partir disso, surgiram diversos elementos que, quando articulados ao espaço, como, por exemplo, os governos, as instituições sanitárias e as organizações mundiais começaram a constituir novos entendimentos e monitoramentos sobre espaço, visando a segurança da vida de migrantes e populações autóctones.

A saúde é compreendida, na contemporaneidade, como um bem indispensável e um direito humano fundamental a qualquer indivíduo, em qualquer tipo de situação, assim, é de dever dos Estados promovê-la. Entretanto, quando a lógica

desse direito perpassa para as fronteiras internacionais e necessita ser aplicada sobre os sujeitos que se deslocam entre diversos lugares, uma série de questões relacionadas a saúde acabam por ser fragilizadas.

Essa fragilização coloca em alerta as agências e órgãos internacionais das mais variadas esferas do meio político e social, para o adendo de possíveis 'problemas' relacionados à saúde e a segurança do espaço em escala global. A lógica da saúde, portanto passa a juntar esforços por meio dos Estados e Instituições Internacionais, buscando possíveis soluções para os problemas emergentes, mantendo a lógica de segurança espacial.

Essas 'soluções', em grande maioria, estão relacionadas às questões políticas como resoluções, leis, normas, documentos, entre outros, que interferem em dinâmicas espaciais. Isto pode ser visto, principalmente, a partir da lógica de atuação da Organização Mundial da Saúde, frente a sua importância no contexto geopolítico. Tal instituição qualifica suas práticas como um modo 'oficial de saúde' e, por meio disto, qualifica também parcelas do espaço em relação aos índices de saúde. Esse modo oficial se legitima em uma lógica discursiva que se refere sempre a um padrão mais adequado, relacionado os cuidados de saúde às diretrizes a serem seguidas, no intuito de alcançar uma maior equidade entre as populações e manter a segurança espacial em escala global.

Através dos discursos da saúde, portanto, o migrante acaba por ser constituído como um indivíduo vulnerável no contexto dos possíveis problemas relacionados à saúde. Os diferentes discursos sobre os processos migratórios enunciam que, quando em deslocamento, os migrantes passam a ficar mais expostos a diversos acontecimentos e, conseqüentemente, colocam a saúde de diversas pessoas – inclusive a sua – em risco devido ao espaço e seu funcionamento. Mesmo que ainda sejam poucas as fontes de informações sobre o assunto, dados disponibilizados, principalmente por fontes nacionais e internacionais, buscam apresentar essas vulnerabilidades dos migrantes tendo em vista

suas relações com parcelas do espaço global (DIAS e GONÇALVES, 2007).

Em grande parte, os migrantes derivam principalmente dos países subdesenvolvidos, visto que esses também podem ser entendidos como espaços precários, que viabilizam a migração frente aos seus grandes problemas sociais, políticos, entre outros. Nesse sentido, o sujeito migrante que carrega consigo suas características espaciais, ou seja, suas espacialidades, torna-se uma, pois são capazes desencadear desequilíbrios frente às espacialidades já existentes. Esses desequilíbrios podem ser percebidos por meio de questões culturais, econômicas, sociais e até mesmo no modo em que o migrante gerencia sua saúde.

As preocupações tomadas sobre a saúde pautam-se, principalmente, sobre a disseminação de doenças nos lugares pelos quais o migrante passa. A partir disso, surgem diversos elementos que, quando articulados ao espaço, constituem novos entendimentos sobre ele, principalmente visando à segurança da vida. Com a delimitação de um espaço precário abre-se caminho para que questões relacionadas à segurança espacial sejam tomadas pelos governos e agências atuantes na política global.

Principalmente com o surgimento da Organização Mundial da Saúde no âmbito das relações sociais e políticas e como efeito desse processo, a lógica da saúde passou a ser abordada no cenário mundial, com o intuito de universalizar tal direito, garantindo seu acesso, promoção e proteção. Entretanto, seus esforços internacionais precisaram ser organizados para uma nova lógica, quando as barreiras políticas e as fronteiras terrestres não mais garantiram a separação do espaço em uma lógica territorial.

Assim, o papel das organizações internacionais relacionadas a saúde e ao controle espacial, passou a ser de alertar a população sobre a circulação de determinados indivíduos, bem como de controlar tais movimentos, principalmente sobre aqueles que derivam de lugares ditos como precários, que em grande parte, possuem os menores níveis de qualidade de vida, apresentam maior vulnerabilidade

em questões relacionadas a saúde e possam oferecer certo risco as populações autóctones.

Nesse sentido, se considerarmos o sujeito migrante como uma parcela do espaço – como citado na seção anterior –, pode-se entender que o migrante oferece risco ao nativo, justamente por fazer essa relação entre espacialidades distintas e causando estranhamentos as lógicas de vida já existentes no seu local de chegada.

5 Considerações finais

No presente texto foi apresentado questões relativas ao espaço, as espacialidades as migrações contemporâneas e os discursos da saúde. Tais temáticas quando articuladas tem se mostrado prosperas no sentido de proporcionar discussões interessantes e importantes principalmente para a área da Geografia.

Para tanto, na primeira seção foi abordado o conceito de espaço e espacialidade tendo e vista que os mesmos não se referem as materialidades que se encontram articuladas a vida, mas para além disso constituem-se como um fenômeno que agrega tanto a materialidade quanto as relações sociais a partir de uma dinâmica de produção mútua. Nesse sentido, é possível se pensar que os próprios sujeitos são produzidos por meio do espaço ao passo que o produzem.

Deste modo, ao circularem por diferentes regiões ou lugares carregam consigo características, costumes, valores relativos aos modos de vida das parcelas espaciais de onde partiram. Assim, os próprios sujeitos podem ser entendidos como espaço, por meio da possibilidade de se assumir uma escala individual que existe articulada as demais escalas de análise possíveis de se pensar na geografia.

A partir dessa lógica, os movimentos migratórios, que se intensificaram nas últimas décadas, devido principalmente ao processo de globalização, passam a estabelecer diferentes ligações entre os distintos lugares, uma vez que tais escalas individuais do espaço carregam consigo suas espacialidades, criando tensões as realidades já

existentes nos seus trajetos. Na maior parte dos casos, os migrantes derivam principalmente de lugares marcados como 'precários' e que apresentam grande fragilização no que diz respeito as condições básicas de vida.

Nesse sentido emergem as preocupações também relacionadas a saúde em escala global. Tornam-se protagonistas as agências internacionais de saúde, que por meio da negociação com os Estados-Nação passam a produzir e reproduzir discursos a cerca dos migrantes e suas relações no espaço global. Sob essa perspectiva o migrante considerado uma escala individual do espaço passa a representar certo 'risco' as populações autóctones, uma vez que o mesmo é produzido através dos próprios discursos das agências que visam auxiliá-los.

Cabe então, encerrar esse texto como uma provocação a cerca desse tema, para livre reflexão: a partir do entendimento de que o espaço é interligado, contínuo e vivo, quais são os possíveis impactos que podem surgir dos discursos da saúde relativos aos migrantes em tempos de tensões internacionais?

6 Referências

- BRAUN, Bruce. Biopolitics and the molecularization of life. *Cultural Geographies*. 14, pp. 6-28, 2007.
- _____. Environmental issues: inventive live. *Progress in Human Geography*. 32(5), pp. 667-679, 2008.
- BROWN, Theodore; CUETO, Marcos; FEE, Elizabeth. The World Health Organization and the Transition from International to Global Public Health. *American Journal of Public Health*. 96(1), p. 62-72, 2006.
- COLUCCI, Danielle Gregole; SOUTO, Marcus Magno Meira. Espacialidades e territorialidades: conceituação e exemplificações. *Revista Geografias, Belo Horizonte*, v. 7, n. 1, p. 114-127, jan./jun. 2011.
- DARSIE, Camilo. Educação, Geografia e Saúde: Geobiopolíticas nos discursos da Organização Mundial da Saúde e a produção da mundialidade pelo controle e prevenção de doenças. 2014. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- DIAS, Sónia e GONÇALVES, Aldina. Migração e Saúde. In: DIAS, Sónia. (org.). Lisboa: ACIDI. *Revista Migrações*, n. 1, p. 15-26, 2007.
- HARVEY, David. O Neoliberalismo: História e Implicações. São Paulo, Edições Loyola, 2008.
- _____. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 2001.
- HEIDRICH, Álvaro Luiz. Espaço, território e cidadania. IN: *Caesura – Revista crítica de ciências sociais e humanas*, no. 21, Canoas. Ed. da Ulbra, 2002.
- IOM. International Organization for Migration. *Migration Health. Annual Review*, 2015. Geneva: IOM, 2016.
- LEFÉBVRE, Henri. *The production of space*. UK/USA: Blackwell, 1991.
- MASSEY, Doreen. Pelo Espaço: Uma nova política de espacialidade. Rogério Haesbaert e Hilda Preto Maciel (trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- MCMICHAEL, A; BEAGLEHOLE, R. The changing global context of public health. *The Lancet*. 356, p. 495-499, 2000.
- MURDOCH, Jonathan. *Post-structuralist Geography*. London: Sage, 2006.
- NIGRO, Daniele; PEREZ, Fernanda. Saúde Global: um campo em construção. In: FORTES, Paulo; RIBEIRO, Helena. (org). *Saúde Global*. Barueri: Manole, 2014.
- RAMOS, Aluísio Wellichan. Espaço-tempo na cidade de São Paulo: historicidade e espacialidade do "bairro" da água branca. *Revista do Departamento de Geografia da FFLCHUSP*, São Paulo, n. 1, p. 65-75, 1982.
- ROSE, Nikolas. Biopolítica molecular, ética somática e o espírito do biocapital. In: SANTOS, Luís H. Sacchi dos; RIBEIRO, Paula R. Costa. (Orgs.) *Corpo, gênero e sexualidade: instâncias e práticas de produção da própria vida*. Furg: Rio Grande: 2011.
- _____. *A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI*. Paulo Ferreira Valério (trad.). São Paulo: Paulus, 2013.
- SALGUEIRO, Teresa Barata. Cidade Pós-Moderna: espaço fragmentado. In: *Revista Território, UFRJ*, ano III, no. 4, jan-jul. Rio de Janeiro, 1998.
- SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Hucitec, 1982.

- _____. A Natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- SAQUET, Marcos Aurelio; SILVA, Sueli Santos. Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território. *Geo UERJ*, v. 2, n. 18, p. 24-42, 2008.
- SENE, Eustáquio. Globalização e espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2003.
- SOJA, Edward. Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- _____. A virada da espacialidade. In: OLIVEIRA, Márcio Piñon; COELHO, Maria Cecília Nunes; CORRÊA, Aureanice Mello. (org). O Brasil, a América Latina e o mundo: espacialidades contemporâneas (1). Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2008.